

II - INFORMES

Cotidiano

O Curso de Formação em Psicanálise realizou com sucesso as atividades programadas pela Comissão de Eventos para o bimestre outubro-novembro, preparando-se para o término do ano.

Neste último bimestre integrou-se à equipe de professores do 3º ano, por solicitação destes e com aprovação da assembléia de docentes, a professora Maria Beatriz Romano de Godoy.

Para o ano de 1993, o 3º ano contará também com a colaboração do professor Gilberto Safra.

Um grupo de docentes e de formados pelo Curso Formação em Psicanálise vem se reunindo cada 15 dias para estudar textos psicanalítico da autora Silvia Bleichmar, visando o evento no próximo semestre, onde a autora em pauta virá administrar conferências, seminários e supervisão.

LEITURAS

Para Emir Tomazelli

Emir, demorei para receber o boletim. Ao folheá-lo, fiquei absolutamente alegre ao ver o seu texto dedicado/dirigido a mim.

Eu havia me decepcionado ao vê-lo ausente da minha conferência para o Curso de Formação. Ausência e silêncio. Faz algum tempo, desde nossa ação no CEPSI, que não conversávamos.

Este retorno ao diálogo, me deixou feliz. E, talvez pela marca lacaniana, a embriaguez da felicidade de pronto foi substituída por perguntas. Qual a causa do texto? De onde ele fala? O que me pede? Por onde respondo? Está impresso lá o meu nome, tributo essencial de minha parte no Outro. É o nome que foi dado. Situado ao mesmo tempo no coração de meu ser e no lugar mais fora de mim pois resulta do desejo de outros dizendo algo do desejo do Outro. E, Emir, acreditei que não foi feito um pedido ao psicanalista, mas a algo da ordem do meu saber. O privilégio, portanto, é ao registro do imaginário. À presença presente. Talvez, uma tradução do seu "tai", apesar da sua frase ter sido "aquele que não está presente, mas

tai".

Não é um jogo de palavras que estou fazendo. E vai aí uma frase que talvez você goste: buraco é mais embaixo. A maneira que eu escrevi acima indica- uma discussão interessante- que a diferença entre o kleiniano e o lacaniano não é de simples filigranas nem versões levemente distintas de um poema nepalês. São recortes radicalmente diferentes do Real. Um lacaniano diria direto "aquele que está aí" para falar do corpo. Mas, qual a verdade deste "aquele que está aí"? Você deve saber que, em Lacan, verdade, realidade, saber e conhecimento não são a mesma coisa e nem são articulados linearmente. Algo como o enunciado a seguir: o saber verdadeiro deriva-se da realidade e elabora um conhecimento transformador, não é em nada lacaniana. A frase lacaniana eu falo no bar.

Agora, tem um ponto onde você se engana redondamente. Quando caracteriza o Simbólico como puro, angelical e higiênico. Peço a você recordar que Lacan retoma justamente o caráter pestilento da Psicanálise. Na posterioridade, vê com ironia o dito de Freud a Jung quando aportam nos E.U.A.: "Eles não sabem que trazemos a peste". Os dois que o ouviram, Jung e os americanos, trataram de desinfetá-la. Viu, Emir, o Simbólico não é nem puro, nem angelical, nem higiênico. É uma função. Uma alça entre as três do nó borromeano. Nó em torno do objeto a causa do desejo. Repito aqui a irônica frase de Mick Jagger ao referir-se ao virtuoso casamento do Woody Allen. Este teria feito os casamentos do mundo do Rock uma pureza.

Por outro lado, Emir, nossa função tem algo de sagrado e santificado sim. Lacan também disse isso "O psicanalista há de ser um santo". Freud enunciou de outra forma: "sejamos abstinentes". Certas tentações o psicanalista há de afastar. Seja a de fazer-se Ego. Seja a de fazer-se Outro. Seja a de fazer-se desejo de Carne.

Durval Mazzei Nogueira Filho

setembro/1992.

"LER" M. KLEIN HOJE

Oscar Migueles

Prof. do Curso de Formação em Psicanálise

do Instituto Sedes Sapientiae

Como pensar a proposta de Melanie Klein de um Super-Ego primitivo hoje?⁽¹⁾

Sessenta anos passaram-se desde a publicação de "Psicanálise de crianças", onde a questão das fases primitivas do Complexo Edípico e do Super-Ego foi colocada por primeira vez.

A leitura do artigo " Primeiros estágios do Complexo Edípico e da formação do Super-Ego" não deixa de nos surpreender. Não tanto pela ousadia de suas " novas" propostas, hoje clássicas, pilares de uma teorização que fez escola. Impacta a vigência das perguntas que a autora se coloca orientadas em geral em torno da questão da destrutividade e da origem do psiquismo humano.

A leitura desse texto não se apresenta como um questionamento das hipóteses freudianas. Ao contrário, é mais que nada um surgimento de um " antes" que pretende completar o que virá " depois" e que já tinha sido descrito por Freud. Um " antes" do desejo amoroso, um " antes que marca a existência de um outro universo, de um outro espaço, que a autora insiste em colocar como aberto pelo próprio Freud e inexplorado por ele.

Se tomamos o Édipo, tal como Freud o propõe, como lugar de cruzamento da experiência singular e subjetiva com o universal da cultura; se pensamos que a problemática ligada ao Super-Ego marca na Psicanálise o mandato cultural universal se encarna numa história singular: Será este espaço novo proposto por Melanie Klein carente de toda Lei? O espaço em questão é um antes da Lei?

Durante muitos anos, a originalidade do pensamento kleiniano foi defendida apoiando-se nesse " antes" do desenvolvimento como se a autora tivesse chegado a um conhecimento mais profundo, de estados primitivos da mente, que Freud supostamente não teria teorizado.⁽²⁾

O mesmo aconteceu com a análise da destrutividade, que ao dizer de alguns, tinha passado inadvertida até então.⁽³⁾

Estas " defesas" de escola contribuíram para criar um imaginário de " profundidade", que associado a um uso da clínica como argumento (em especial de crianças pequenas), fizeram que a teorização

kleiniana se difundisse com rapidez.

Esses imaginários criaram, também, obstáculos às vezes intransponíveis a um diálogo entre analistas (kleinianos e os chamados freudianos). A isto se acrescenta que, em Londres, o grupo " freudiano" foi liderado por Anna Freud, com a qual a autora sustentou uma polêmica hoje histórica. Ou Klein ou Freud: a escolha pareceu ser obrigatória.

A discussão das idéias de Melanie Klein ficou muitas vezes restrita ao âmbito de seus " seguradores", objeto de estudo daqueles que aderiram aos princípios de " escola" e que passaram a se chamar assim " kleinianos".

Pensar o pensamento de Melanie Klein, assim como pensar o pensamento de Lacan, constitui uma aventura, um desafio, muito especialmente se feito por fora das bitolas de filiação de escola.

Retomando a pergunta: o espaço aberto por Melanie Klein é carente de toda Lei?

A proposta de um Super-Ego primitivo pareceria sugerir que não se trata de afirmar a inexistência de uma Lei, senão de uma mudança no conteúdo do proibido, com se um " não matarás", ou melhor um " não te matarás", fosse a condição necessária para qualquer sistema de proibições.

O surgimento desse Super-Ego é descrito por Melanie Klein como a instalação de um perseguidor no psiquismo, que operaria como uma barreira que bloquearia a auto-destruição. Interditar a auto-destruição é a função primeira desse Super-Ego primitivo.

Diz Melanie Klein:

"Parece-me que o Ego tem um outro meio de dominar os impulsos destrutivos, ainda aderidos ao organismo. Pode mobilizar parte deles como uma defesa contra a outra parte. Deste modo, o Id sofrerá uma divisão que, acredito, é o primeiro passo para a formação das inibições instintivas e do Super-Ego, o qual pode ser similar à repressão primária".

Repressão Primária, diz Melanie Klein. Primário ou originário ("Ur" em alemão), prefixo que Freud juntou também a outras palavras: narcisismo, identificação, fantasia. Termos com os quais tentava dar conta da origem do psiquismo, desse lugar do "antes" que tanto interessou a M. Klein.

Sabemos quanto a noção de inveja fez-se um dos

eixos centrais da teoria da destrutividade, que Melanie Klein elaborou. A respeito diz em "Inveja e Gratidão":

"Existem razões psicológicas muito pertinentes que explicam por que a inveja se encontra entre os sete pecados mortais. Eu sugeri, também, que inconscientemente é percebido como o maior pecado de todos porque ataca e dana o objeto bom, fonte de vida".

Será também "inconscientemente" que M. Klein articula a inveja com os sete pecados capitais?

A destruição pode ser ou não o eixo do conflito humano (pecado maior ou pecado a mais), mas ela deve ser barrada, sua interdição forma parte de um sistema de proibições (pecados) que marcam esse cruzamento com a Cultura que Freud teorizou a partir do mito edípico.

Que o Pai da Horda Primitiva não tenha convencido Melanie Klein para desenvolver seu próprio pensamento. Que ela tenha preferido outros caminhos (a do Super-Ego primitivo, por exemplo), não desmerece em nada o problema levantado, válido até hoje.

Desde uma perspectiva diferente, o Lacanismo recupera o tema. Sabemos que a problemática do ideal é retomada por Lacan a partir do que ele chama significante "senhor", "amo". Mas diz Jacques-Alain Miller:

"O significante "senhor" não soluciona o paradoxo do gozo".

"O gozo como nó da pulsão de morte e da libido fez do sadismo um fenômeno subsidiário. Não é a agressão ao outro o essencial em Lacan, isto tem seu lugar no narcisismo especular, o fundamental é que quando goza, o sujeito se destrói a si mesmo, que o gozo em si mesmo é uma destruição..."

Será que Melanie Klein começou pensando o gozo?

Melanie Klein confiava no papel normalizante do amor, embora sempre ameaçado pela inveja.

Freud queria acreditar no projeto da Cultura, apesar do mal-estar por ela criado.

Lacan, depois de centrar a Psicanálise no contexto de uma teoria da linguagem (significante), vê-se obrigado a introduzir o gozo, esse "plus", esse nó entre a pulsão de morte e a libido, como diz

J.A.Miller, com a qual pensar a auto-destrutividade.

A destrutividade humana encontra-se hoje, mais que nunca, no centro de nosso pensar. Trata-se de um desses assuntos "familiares" e "estranhos". Quanto mais acreditamos dominá-la com nosso pensar, mais se escapa pela porta dos fundos. Nesse sentido, com os limites que uma época impõe a um pensamento, a obra de Melanie Klein é um bom exemplo desse movimento de captura e perda.

Referências

(1) O presente trabalho é fruto de um intercâmbio no "seio" do grupo Formação em Psicanálise do Sedes, sobre o tema da Pulsão de Morte. Tem como destinatários especiais Emir, Suzana e Maria Luiza.

(2) A respeito Oscar Miguez. "A agressividade em Freud" (texto preparado para os alunos do segundo ano do Sedes).

(3) No prefácio à edição castelhana das Obras Completas de M. Klein, León Grinberg diz: "Sus conceptos y la aplicación de los mismos, difieren de las teorías psicoanalíticas tradicionales, sobre todo en lo concerniente a la cronología del desarrollo psíquico del niño y a las características de su mundo interno.

(4) Melanie Klein: he Psycho-analysis - of. children. Hogarth Press soudoir (trad. Livre).

(5) Melanie Klein: Obras Completas. Vol. 6 - pg. 28 Buenos Aires. Paidós. 1977 (Tradução livre).

(6) Jacques- Alain Miller: Lógicas de la vida amorosa pg. 47 Buenos Aires manantial. 1991 (tradução livre).

(7) Jacques- Alain Miller: Lógicas de la vida amorosa pg. 124, Buenos Aires Manantial. 1991 (tradução livre).

(8) Ver a respeito: Eric Laurent- Concepciones de la cura en psicoanálisis. Buenos Aires Manantial. 1984.

ARTIGOS

ALGUMAS NOTAS SOBRE AS FORMAS PASSIONAIS DO CONHECIMENTO

EMIR TOMAZELLI

Professor do Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

OBSERVAÇÃO PRELIMINAR

Este trabalho tem por objetivo responder a